



Aportes Pioneiros em /comunicação na América Latina

Maria Cristina Gobbi¹

Resumo

Esse artigo faz breve revisão dos aportes iniciais que originaram um pensamento singular na área da Comunicação Social, na América Latina. Desde a década de 1970, vários estudos e estudiosos têm buscado revisar e sistematizar a produção científica na área da comunicação social em nosso continente. Isso se deveu, principalmente, ao aparecimento de novos espaços de pesquisa nas universidades, fortalecidos pelos programas de pós-graduação. As gerações comunicacionais das décadas de 1960 e 1970 tiveram a oportunidade de testemunhar as transformações pela qual estava passando toda a América Latina. Alguns poucos privilegiados tiveram a possibilidade única de protagonizar essas mudanças. Dessa forma, as contribuições de entidades como a ALAIC (Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación), CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores para América Latina), INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), FELAFACS (Federação Latino-Americana de Faculdades de Comunicação), entre outras, têm buscado permitir a compreensão dos problemas gerados pela emergente indústria midiática da região. Investigar como se deu uma das mais marcantes presenças da comunidade acadêmica em comunicação na América Latina, refletida na produção de pesquisadores que analisaram os fenômenos comunicacionais, torna-se importante para conhecer como de fato ocorreu a formação desse pensamento. Trata-se de perquirir o conhecimento gerado, refletido e difundido pela ELACOM (Escola Latino-Americana em Comunicação) e consolidado através das indústrias midiáticas, dos livros, dos ensaios e de outras formas de produção, que trouxeram à tona as reflexões críticas de seus produtores. Utilizando a pesquisa bibliográfica o texto regata aspectos importantes na construção de matrizes teóricas que norteiam a produção em Comunicação em nosso continente.

Palavras-Chave: Ciências da Comunicação, América Latina, Escola Latino-Americana de Comunicação, Elacom, Comunicação.

¹ Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Diretora Suplente da Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Coordenadora de Documentação e Publicação e do Acervo do Pensamento Comunicacional Latino-Americano “José Marques de Melo”, da Cátedra Unesco. Coordenadora do Grupo de Pesquisa sobre o Pensamento Comunicacional latino-Americano do CNPq. Professora do Lato Sensu em Comunicação e da Graduação da Universidade Metodista de São Paulo. Editora do JBCC - Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação e do Anuário Unesco/Metodista de Comunicação. Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Unipac/MG. E.-mail: mcgobbi@terra.com.br.



Aportes Pioneiros em /comunicação na América Latina

Maria Cristina Gobbi²

Introdução

O estudo sobre a comunicação na América Latina tem motivado diversos pesquisadores do campo científico da comunicação. Uma de minhas primeiras descobertas nessa área específica de estudos aconteceu durante o projeto de doutorado³, onde realizei uma investigação sobre os pioneiros da Elacom⁴. Nesse trabalho tive a possibilidade de fazer as primeiras incursões no campo da comunicação⁵ na América Latina, realizando os levantamentos iniciais sobre a produção de diversos pesquisadores e instituições pioneiras.

Mas como todo projeto científico e principalmente humano carece de uma continuidade e, deve sempre nos instigar a buscar outras referências ou novos aportes, esse

² Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Diretora Suplente da Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Coordenadora de Documentação e Publicação e do Acervo do Pensamento Comunicacional Latino-Americano “José Marques de Melo”, da Cátedra Unesco. Coordenadora do Grupo de Pesquisa sobre o Pensamento Comunicacional latino-Americano do CNPq. Professora do Lato Sensu em Comunicação e da Graduação da Universidade Metodista de São Paulo. Editora do JBCC - Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação e do Anuário Unesco/Metodista de Comunicação. Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Unipac/MG. E.-mail: mcgobbi@terra.com.br.

³ A tese de doutorado tem como título: Escola Latino-Americana de Comunicação: o legado dos pioneiros. O projeto foi orientado pelo professor Dr. José Marques de Melo, e defendido em agosto de 2002, na Universidade Metodista de São Paulo.

⁴ Elacom – Escola Latino-Americana de Comunicação. A finalidade da Elacom está esboçada na edição inaugural da Revista Científica Digital **Pensamento Comunicacional Latino-Americano - PCLA** -, no artigo “Escola Latino-Americana de Comunicação: gênese, evolução, perspectivas”, de José Marques de Melo. Disponível na Net: <www.metodista.br/unesco/PCLA/index.htm>. Pesquisa realizada em agosto de 2005.

⁵ A discussão sobre o campo da comunicação enquanto ciência é antiga. Podemos dizer que o século XX tem sido marcado pela convergência e pelo interesse de entendimento do lugar ocupado pela comunicação. Caminhando entre *status* de ciência ou como um campo de interseção de vários saberes, o mote da comunicação social tem dividido opiniões. Marialva Barbosa (2000, pp. 1-4) afirmou não ser possível tratar a consolidação de um campo sem considerar dois aspectos. “A trajetória histórica da constituição do próprio campo e as lutas e embates claros ou sub-reptícios travados ao longo deste percurso”. Na verdade, essa compreensão perpassa os múltiplos saberes. Para alcançar a estabilização, é necessário trabalhar a idéia de ordem, no sentido de cooperação e inter-relação entre os vários conhecimentos. É uma espécie de diálogo, de abandono do ponto de vista particular de cada disciplina “para produzir um saber autônomo que resulte em novos objetos e novos métodos”, desenvolvendo a integração entre as várias produções e métodos.

texto faz parte de um novo desafio, uma nova pesquisa que comecei a empreender no segundo semestre do ano de 2006, sob a orientação da professora Margarida M. K. Kunsch. A investigação versará sobre as contribuições da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC) para a consolidação e difusão das teses defendidas pela Escola Latino-Americana de Comunicação (ELACOM). O meu objetivo básico é dar continuidade ao caminho iniciado na tese de doutoramento, ampliando e complementando as perspectivas de estudo.

Cabe ressaltar que durante a pesquisa do doutorado as instituições pioneiras foram referenciadas e um breve resgate sobre suas contribuições foi realizado. Mas por não ser esse o foco central da tese, elas carecem de um maior aprofundamento quanto as suas contribuições ao campo⁶ comunicacional⁷ em nosso continente. Então, é nesse sentido que esse novo projeto pretende caminhar. Verificando as contribuições da ALAIC como catalisadora de um pensamento singular, porém, não exclusivo, sistematizando seus aportes para a formação, a produção, a assimilação e a difusão do pensamento comunicacional latino-americano.

A pesquisa que empreendo agora ambiciona responder à pergunta central: quais são os aportes da ALAIC na constituição da comunidade latino-americana de ciências da comunicação?

Essa breve introdução sobre a perspectiva de uma nova investigação deve ser encarada como um fator motivacional, respaldado no argumento que ainda há muito por perquirir e conhecer sobre a produção latino-americana na área de Ciências da Comunicação.

Podemos dizer que a aplicação das teorias comunicacionais norte-americanas e européias para a América Latina pode ser encarada, em um primeiro momento, como uma forte cooperação internacional, apesar de não levarem em conta que o processo de desenvolvimento latino-americano sempre foi diferente de outros países. As grandes e gritantes diferenças nos contextos político, educacional, social e comunicacional existentes entre aqueles países e os da América Latina, permeadas pelos estudos iniciais dos pioneiros da ELACOM e sistematizadas por instituições como a ALAIC serviram como referencial para que as gerações posteriores de comunicadores e comunicólogos construíssem e fortalecessem nossa identidade acadêmica.

Desde a década de 1970, vários estudos têm buscado revisar e sistematizar a produção científica na área da comunicação social. Isso se deveu, principalmente, ao aparecimento de novos espaços de pesquisa em comunicação nas universidades, fortalecidos pelos programas de pós-graduação.

As gerações comunicacionais das décadas de 1960 e 1970 tiveram a oportunidade de testemunhar as transformações pela qual estava passando toda a América Latina. Alguns poucos privilegiados tiveram a possibilidade única de protagonizar essas mudanças. Dessa forma, as contribuições de entidades como a ALAIC (Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación), o CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores para América Latina), a INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), a

⁶ Utilizaremos o termo “campo” (*champ*) no sentido dado por Bourdieu que representa o espaço sócio-cultural e também um conjunto de métodos, estratégias e objetos legítimos de discussão. Sendo assim, em cada um desses elementos são diversos os procedimentos capazes de contribuir para sua fragmentação ou sua consolidação. Em inglês (*field*) denomina simplesmente uma área de estudo ou uma disciplina sendo, portanto, muito restrito para o significado que queremos empreender neste trabalho.

⁷ Quando mencionamos campo comunicacional estamos falando das diversas áreas do conhecimento que congregam esse campo de estudos, ou seja: Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade, Propaganda, Rádio e Televisão, cinema e os múltiplos temas por eles estudados.



FELAFACS (Federação Latino-Americana de Faculdades de Comunicação), entre outras têm buscado permitir a compreensão dos problemas gerados pela emergente indústria midiática da região.

Os conceitos de nação, nacionalismo, espaço, lugar, fronteira, identidade etc, têm influenciado a construção de novos modos de pensar a experiência comunicacional, principalmente a produzida na Europa e nos Estados Unidos e trazida para a América Latina através dos pesquisadores que retornavam de seus estudos, principalmente entre as décadas de 1960 e 1970.

Dessa maneira, faz-se necessário o conhecimento sobre o legado das instituições de pesquisa e de seus mestres. Tais aportes tornam possível esboçar uma identidade latino-americana em comunicação. Assim, é importante, sempre, reavaliar o conhecimento produzido na e sobre a América Latina frente aos processos de globalização e aos impulsos de identidade comunicacional reinstalados em nossa região atualmente.

Para conhecer a “real espacialidade” dessas teorias para a comunicação e sua aplicabilidade em uma região ampla e diversa como a nossa, faz-se necessário retomarmos as reflexões desenvolvidas desde a década de 1970 sobre a questão da identidade comunicacional na produção de matrizes teóricas que foram e ainda estão sendo referenciadas e estimuladas por diversos pesquisadores e entidades comunicacionais.

Como bem afirmou Marques de Melo, em 2000 (p. 3), muito dessa produção teve sua origem em centros hegemônicos, e são “caracterizadas pelos cruzamentos de tradições européias, heranças meso-sul-americanas (pré e pós-colombianas), costumes africanos, inovações de modernas matrizes norte-americanas (...), essas teorias eram reflexões críticas e ao mesmo tempo ancoradas em postulados pragmáticos”. Mas tiveram sempre por objetivo a busca de soluções para os problemas comunicacionais de nossa região.

A diversidade cultural latino-americana em comunicação é fruto de um espaço de reflexão frente às expressões de respeito pela nossa diversidade cultural. Essas contribuições se legitimam quando refletimos o

(...) quanto é possível pensarmos com o pensamento alheio e nos vemos amputados da própria memória pela expropriação e réplica do próprio imaginário pela invasão midiática, a mudar quase todo dia a sua fisionomia, no cerco e na reinvenção da subjetividade, como ainda a experimentávamos até o penúltimo quarto do século (MENDES, 1999, p. 8).

Investigar como se deu uma das mais marcantes presenças da comunidade acadêmica em comunicação na América Latina, refletida na produção de pesquisadores que analisaram os fenômenos comunicacionais, torna-se importante para conhecer como de fato ocorreu a formação desse pensamento. Trata-se de perquirir o conhecimento gerado e refletido na difusão da ELACOM e consolidado através das indústrias midiáticas, dos livros, dos ensaios e de outras formas de produção, que trouxeram à tona as reflexões críticas de seus produtores.

Acreditamos que somente desse modo, tornar-se-á possível distinguir a produção acumulada pela ELACOM que, apesar de abrigar múltiplas teorias, é capaz de criar um pensamento singular, mas não homogêneo para a nossa região.

Nos próximos 50 anos, haverá cerca de 600 milhões de habitantes em toda a região. Segundo estimativas, este número não inclui o percentual crescente de falantes latino-americanos que vivem em outros países. No caso brasileiro, alguns produtos



gerados em nossa indústria cultural são exportados e bem aceitos pelo mercado mundial, principalmente o europeu e o norte-americano. Neste sentido, como bem afirma o professor Candido Mendes, “ou seremos protagonistas da cultura latina ou teremos de enfrentar a massificação estrutural dentro da América Latina” (MENDES, 1999, p. 8).

A acadêmica Helène C. d'Encausse questiona “Quais as condições de uma visão ofensiva dessa identidade, exposta hoje a uma desapareição tão solerte quanto eficacíssima, a partir de toda estratégia do universo midiático e seu suporte anglo-saxão? Reclamar nossa identidade frente à globalização se faz urgente”. (D'ENCAUSSE apud MENDES, 1999).

Primeiras incursões

A cultura latino-americana refletida, muitas vezes, na produção em comunicação encontra meus aportes iniciais e sua solidificação, principalmente, entre as décadas de 1970 até 1990. Essas tiveram e ainda têm repercussões nos processos e nas tecnologias comunicacionais. Demonstam que o desenvolvimento e a consolidação da cultura de massa exigiram, de forma crescente, a qualificação profissional dos quadros da indústria cultural.

A comunicação de e para os trabalhadores ganhou, na América Latina, a partir da segunda metade do século XX, a força e o paradigma de um movimento social e estabeleceu para as nações latino-americanas novos canais de comunicação entre a sociedade e o Estado.

Marques de Melo (1998) garante que “à medida que se institucionaliza um novo campo do saber, torna-se imprescindível oferecer às novas gerações um quadro histórico que estimule a acumulação orgânica de experiências, evitando-se a repetição de etapas já percorridas, mas que escapam muitas vezes à percepção dos pesquisadores neófitos”. Por isso o resgate da memória adquire papel importante na consolidação eficaz de uma comunidade acadêmica. Por outro lado, cabe a pergunta: essas teorias têm sido assimiladas e referenciadas atualmente?

Temos acompanhado as “movimentações⁸” econômicas e sociais frente aos processos de globalização em todo o mundo e uma das maiores evidências é a preocupação que a América Latina tem despertado nos blocos de “poder” dos países desenvolvidos.

Desde a década de 1970 vem ocorrendo, em toda a região, esforços de pesquisadores e centros de pesquisa, das mais variadas localidades, em torno do desenvolvimento comunicacional Latino-Americano e da necessidade de adoção de políticas nacionais de comunicação.

Também um grande esforço tem sido empreendido por diversos atores sociais no sentido de criar um diálogo dos representantes dos países latino-americanos junto às universidades, agências governamentais, centros de pesquisa e organizações não governamentais com vistas à formação de associações nacionais de pesquisadores da comunicação realmente representativas junto a órgãos das mais diversas frentes de atuação.

Variados cenários comunicacionais têm sido descortinados ao longo, principalmente, das três últimas décadas em nosso continente. A inclusão da comunicação na agenda mundial quer de governos ou organizações não-governamentais, a ampliação e consolidação das indústrias sonoras e audiovisuais, o crescimento das universidades, que aumentaram seus focos de atuação de áreas específicas da comunicação, como o jornalismo, para comunicação social, entre muitos outros fatores, têm permitido verificar, em parte, uma fatia significativa desses cenários.

⁸ O que definimos por acompanhamento de movimentações são as repercussões que podem ser observadas através de notícias diversas dadas pela mídia cotidianamente, quer nas publicações impressas ou televisivas e ainda podemos sentir alguns desses “ecos” nas ações empreendidas pelo Governo brasileiro.

Desde a segunda metade da década de 1950, as questões que nortearam a identidade latino-americana na área da comunicação social e as discussões sobre a existência de uma Escola Latino-Americana na área da Comunicação têm sido abordadas de forma recorrente. Essa produção tem gerado uma série de reflexões sobre a importância de uma integração, quer seja ela econômica, social, cultural ou comunicacional. Também tem suscitado uma série de críticas aos ideais de um pensamento homogêneo.

O que temos percebido é uma busca pela democratização da comunicação, mostrada através de diversas investigações e ações, gerando construções teórico-metodológicas e reunindo pesquisadores em associações que, imbuídos de um sentimento de identidade, buscam um referencial capaz de dar conta da diversidade na área da comunicação que permeia toda a América Latina.

Para entender esses cenários múltiplos de produção devemos levar em conta as características estruturais, sociais e político-culturais tão diferentes dentro de uma região tão diversificada como a nossa. Limitar essas análises equivaleria a renegar aspectos, necessidades e demandas habitualmente presentes na origem, na sistematização e na discussão dos fenômenos comunicativos, que tem sido alvo de múltiplas investigações.

Pesquisar o perfil comunicacional da e na América Latina é, como bem disse o professor Jesús Martín-Barbero (1997) um redescobrimto de complexas polêmicas, de problemáticas postergadas, de genealogias que interconectam campos e linhas de pensamentos singulares. Inclusive e muitas vezes antagônicas em certos aspectos, extremamente calcadas em tradições acadêmicas e perspectivas teóricas exclusivistas, como baseadas nas práticas e experiências individuais.

Uma parte importante do conhecimento e da evolução latino-americana em comunicação é resultado de produtos que circularam através dos meios massivos, vinculados diretamente a criações da cultura popular urbana, somados ao desenvolvimento da indústria cultural. Por outro lado, não poderíamos deixar de considerar as circunstâncias desse desenvolvimento, muitas vezes, fruto de análises histórico-culturais próprias da evolução político-social. Da mesma forma, a real aplicação desviou-se das perspectivas ortodoxas e convencionais da pesquisa na área e fundamentou-se na prática construtiva de conhecimento e de produtos comunicacionais.

Outra maneira de tratar e compreender os conceitos das ciências da comunicação e da informação na América Latina é através do estudo contemporâneo da sociedade em que vivemos, não como sujeitos, mas como atores sociais. Isso permitirá, sem dúvida alguma, que a interpretação seja vista como resultado da intervenção prática sobre o que está sendo realizado ao nosso redor.

Desta forma, a investigação sobre os meios de comunicação, durante a segunda metade do século passado, desembocou em uma discussão sobre questões de ideologia, relativas à memória popular, ao manejo político, aos fluxos informativos, às polêmicas em torno da identidade nacional, ao desenho de projetos político-culturais, à aplicação, à crítica de marcos epistemológicos etc.

A pesquisa em comunicação na América Latina foi fruto de uma realidade cruzada por múltiplos fenômenos, tradições e requerimentos culturais, calcados em uma variedade de modelos e paradigmas teórico-metodológicos diversificados.

Outra consideração que vale a pena ser mencionada é que pensar sobre o desenvolvimento comunicacional na América Latina significa abandonar a passividade e passar a ser sujeito ativo, não só no processo de desenvolvimento, mas na “reestruturação

de nossa sociedade. Trata-se de um exercício tão útil, quanto necessário e urgente⁹ (MATTELART, MATTELART, 1987, p. 13).

Como bem disseram Mattelart e Mattelart (1987, p. 22), “repensar a história da pesquisa em comunicação, é esboçar essa história de um itinerário pessoal¹⁰”.

Podemos afirmar que são remotos os elementos norteadores da trajetória histórica do pensamento latino-americano em comunicação. Teve seu início na compreensão sobre nossa própria identidade, no cenário de nossas lutas para pôr fim à dependência colonial.

Essa busca da construção de uma identidade latino-americana se, por um lado, passou pela valorização da cultura dos índios, crioulos e mestiços; por outro, se transformou em expressão de luta interna e externa contra a dependência sofrida em todo o continente. Podemos afirmar que assim surgiu o que os estudiosos chamaram de duas Américas: a dos exploradores e a dos explorados.

Pesquisadores como Guazzelli (1993) afirmam que o fim do fascismo italiano, do nazismo alemão e do militarismo japonês na II Guerra Mundial e posteriormente a Guerra Fria, tiveram reflexos muito intensos em todo o mundo. Na América Latina houve uma grande ascensão dos movimentos operários e democráticos. Muitos partidos, principalmente os comunistas, começaram a transformar-se em organizações revolucionárias de massas, abrindo suas portas para novos membros. Essa “abertura” do movimento comunista dava um clima de liberalização geral da vida política, ocasionando uma ampliação do movimento operário.

As revoluções populares sobre as burguesias dominantes na América Latina, especialmente a partir dos anos de 1960, mostraram claramente as lutas travadas para pôr fim a um período de dominação.

As mudanças significativas na estrutura social dos trabalhadores das cidades e do campo criaram condições para o desenvolvimento dos movimentos operários em todo o continente. Mas tudo isso alarmou profundamente o imperialismo internacional. A América Latina passou à ofensiva em todas as frentes.

A confrontação entre as diversas forças nos anos da Guerra-Fria teve como resultados a manifestação de uma série de contradições sociais.

Guazzelli (1993, pp. 15-23) afirmou em sua pesquisa que a Revolução Cubana foi um dos processos históricos decisivos para o destino das nações latino-americanas na década de 1960, bem como “para a condução adotada pelo imperialismo no tratamento das questões envolvendo o subcontinente. Tendo sido conduzida por um grupo que não tinha, em princípio, o objetivo de uma transformação rumo ao socialismo”. Porém, os resultados acabaram desencadeando reformas profundas, que atingiram grupos de interesses dominantes, dentre os quais os norte-americanos presentes na Ilha. “Os barbudos de Sierra Maestra iniciaram um movimento antioligárquico que se tornou antiimperialista e acabou, finalmente, rompendo com o próprio capitalismo”.

Se, por um lado, as burguesias enfrentavam dificuldades para atender às reivindicações populares; por outro, temiam que o exemplo cubano pudesse ser seguido por outras nações latino-americanas. Passaram, então, a buscar o apoio das Forças Armadas, gerando desta forma as “ditaduras militares” tão presentes em todo o nosso continente.

⁹ Tradução nossa.

¹⁰ Tradução nossa.

É claro que os Estados Unidos não ficaram indiferentes a esses acontecimentos, tendo como preocupação básica minimizar os efeitos da Revolução Cubana em outras regiões. Mas os resultados foram drásticos. Após a fracassada “Aliança para o Progresso”, decorrência de investimentos para atenuar problemas sociais, os Estados Unidos passaram a aparelhar as Forças Armadas Latino-Americanas para combater, o que eles chamaram de “inimigo infiltrado” (GUAZZELLI, 1993, pp. 15-16).

Toda essa ofensiva trouxe para a nossa região diversas conseqüências. Esse movimento foi uma das ações mais marcantes contra o imperialismo americano. Porém torna-se fundamental olhar o reverso da moeda para compreender o panorama político-social.

Guazzelli (1993, p. 25) afirma que, paulatinamente, a América Latina passou a sentir os efeitos dos governos ditatoriais e militarizados. Estes foram “capacitando-se, com o apoio dos Estados Unidos, para o enfrentamento da ameaça que pairava”. Desenvolveram instrumentos capazes de encarar as formas de oposições internas.

Desta forma, ficamos divididos em duas situações: “aqueles países que não haviam feito uma transformação das antigas formas de dominação oligárquica, e outros, onde a instalação da burguesia no poder havia-se realizado através da fórmula política conhecida como populismo” (GUAZZELLI, 1993, p. 25).

O panorama político-social latino-americano, entre as décadas de 1960 e 1970, pode ser visualizado no quadro a seguir.

Quadro 1 - Situação político-social da América Latina nas décadas de 1960 e 1970

Ano	País	Situação
1962	Peru	Os militares antecipam-se à posse do populista Haya de la Torre e ocupam o poder.
1963	República Dominicana	Um golpe militar derrubou o governo do moderado Juan Bosch.
1964	Brasil	Cai o populista João Goulart.
1964	Bolívia	Cai o populista Paz Estenssoro.
1965	República Dominicana	Tropas capitaneadas pelos Estados Unidos intervieram e impediram uma restauração democrática no país.
1966	Argentina	As Forças Armadas ocuparam o poder.
1968	Peru	Novamente os militares assumiram o governo.
1973	Chile	Chegou ao fim a experiência socialista chilena com o sangrento assalto ao poder por Pinochet.
1973	Uruguai	Deixava de ser a Suíça da América Latina.

Fonte: Guazzelli, 1993, pp. 25-34.

Cabe o registro de que apenas o México, a Colômbia e a Venezuela, durante a década de 1970, não apelaram para golpes militares como “solução para seus problemas”. Também é necessário dizer que as ditaduras militares, impostas a partir dos anos de 1960, tinham como diferença fundamental, daquelas implantadas nos estados oligárquicos, o fato de ocorrerem em países industrializados em busca do desenvolvimento capitalista (GUAZZELLI, 1993, pp. 25-34).

Todo esse cenário, sem dúvida, gerou atraso, miséria, impedindo uma sólida organização social. Os reflexos disso ainda são sentidos na atualidade.

O desenvolvimento dependente latino-americano não esteve ligado somente às situações econômicas, políticas ou sociais. A diversidade geográfica e cultural entre os países de nosso continente é evidente. Podemos dividir a América Latina e o Caribe em três grandes regiões: América Central, Caribe e América do Sul.

Atualizando o trabalho de Raúl Fuentes Navarro, realizado em 1992, no texto “Un campo cargado de futuro: el estudio de la comunicación en América Latina”, podemos afirmar que, de acordo com dados disponibilizados pela Population Reference Bureau, de 2001, o território está assim dividido:

Quadro 2 - Países Latino-Americanos – nações independentes

País	Data da independência	Região
Argentina	1816	América do Sul
Bolívia	1825	América do Sul
Brasil	1822	América do Sul
Chile	1810	América do Sul
Colômbia	1810	América do Sul
Costa Rica	1821	América Central
Cuba	1902	Caribe
Equador	1822	América do Sul
El Salvador	1841	América Central
Guatemala	1821	América Central
Haiti	1804	Caribe
Honduras	1838	América Central
México	1810	América Central
Nicarágua	1838	América Central
Panamá	1903	América Central
Paraguai	1811	América do Sul
Peru	1821	América do Sul
Porto Rico	Dependente dos Estados Unidos	Caribe



República Dominicana	1844	Caribe
Uruguai	1826	América do Sul
Venezuela	1811	América do Sul

Fonte: 2001: cuadro de la población mundial del Population Reference Bureau.

Formando um total de vinte países latino-americanos independentes e Porto Rico, dependente dos Estados Unidos. Dez pertencentes à América do Sul, quatro ao Caribe e sete à América Central, incluindo Porto Rico.

São regiões cujas diversidades, nas mais variadas frentes, são notáveis. Desde históricas, políticas, culturais, econômicas, até geográficas. São frutos de civilizações diversas, entre indígenas, europeus, africanos, sujeitos ao jogo dos mais amplos interesses, que são sentidos ao longo dos séculos.

Para se ter uma breve idéia dessas diferenças, os dados abaixo permitem uma primeira análise do perfil desses países.

Quadro 3 - Indicadores básicos dos países latino-americanos

País	Extensão (km ²)	População 2001 (milhões)	População Projetada 2025 (milhões)	População Projetada 2050 (milhões)	Esperança de vida ao nascer (anos) homens	Esperança de vida ao nascer (anos) mulheres
Argentina	2.780.400	37,5	47,2	54,5	70	77
Bolívia	1.098.580	8,5	13,2	17,1	60	64
Brasil	8.547.400	171,8	219,0	247,2	65	72
Chile	756.630	15,4	18,6	19,3	72	78
Colômbia	1.138.910	43,1	59,7	71,5	68	74
Costa Rica	51.100	3,7	5,0	5,6	75	79
Cuba	110.860	11,3	11,9	11,0	73	77
Equador	283.560	12,9	18,7	24,7	68	73
El Salvador	21.040	6,4	9,3	12,4	67	73
Guatemala	108.890	13,0	22,1	31,5	63	68
Haiti	27.750	7,0	9,6	11,9	47	51
Honduras	112.090	6,7	9,8	12,2	64	68
México	1.958.200	99,6	130,9	149,7	73	78
Nicarágua	130.000	5,2	8,6	11,6	66	70
Panamá	75.520	2,9	3,8	4,3	72	76
Paraguai	406.750	5,7	9,7	14,4	71	76
Peru	1.285.220	26,1	35,5	42,3	66	71



Porto Rico	8.950	3,9	4,2	4,2	71	80
R.Dominicana	48.730	8,6	12,1	14,9	67	71
Uruguai	177.410	3,4	4,0	4,5	70	78
Venezuela	912.050	24,6	34,8	40,2	70	76

Fonte: 2001: cuadro de la población mundial del Population Reference Bureau.

O quadro acima fala por si. As diferenças numéricas referentes às populações, extensão territorial e expectativas de vida demonstram algumas das gritantes diferenças geográficas e sociais da América Latina.

Com referência a área da comunicação vale considerar, tendo por base os escritos de Rivera (1986), que foi somente a partir da *Guerra dos mundos*, de Orson Welles, em 1938, que a comunidade acadêmica despertou para o poder dos meios de massa.

As primeiras investigações em comunicação na América Latina tinham como modelo à sociologia desenvolvimentista norte-americana. Era a modernização e o desenvolvimento dos chamados países subdesenvolvidos que determinavam as pautas das investigações. Fuentes Navarro (1992, pp. 75-78) afirmou que os estudos históricos e descritivos da imprensa, embasados no referencial da CEPAL (Comissão Econômica da América Latina) -, organismo das Nações Unidas, fundado em 1947, incidiram no campo da comunicação de massas, considerado como um dos fatores de desenvolvimento.

A bibliografia disponível em comunicação na América Latina, no final dos anos de 1950, era praticamente insignificante¹¹. Tratava-se, muitas vezes, de obra traduzida ou fruto de pesquisas bastante localizadas¹². Os trabalhos estavam, em grande parte, fundamentados no funcionalismo norte-americano, na *communication research*, da Escola de Chicago e na *Sciences de l'information*, da Escola de Paris.

Rivera (1986, p. 15) referenda a grande influência na Argentina¹³ de pesquisas realizadas entre os anos de 1942 a 1958. Cita como exemplo *La rebelión de las masas*, de Ortega y Gasset¹⁴; as pesquisas de Francisco Ayala, na área do cinema; de Roger Caillois,

¹¹ “Podemos citar que o maior exemplo de uma produção significativa na América Latina na área da comunicação é a trilogia sobre jornalismo, escrita pelo cubano Octavio de la Suarée (1944, 1946, 1948). Também algumas publicações na área da publicidade e da propaganda, de autoria dos brasileiros Ernani Macedo de Carvalho (1940), Ary Kerner (1943); do argentino Carlos Juan Zavala Rodríguez (1947); do mexicano J. M. Miguel e Verges (1941). Alguns estudos dedicados à imprensa como do brasileiro Carlos Rizzini (1946) e do argentino Eliel Ballester (1947). Já nos anos de 1950, são representativas as pesquisas sobre cinema dos brasileiros Salviano Cavalcante de Paiva (1953) e Alex Vianny (1959). O trabalho sobre radiodifusão no Brasil de Saint-Clair Lopes (1957), publicado na Argentina por Mouchet e Radaelli (1957). Sobre propaganda, podemos citar o brasileiro Genival Rabelo (1956), o mexicano Gustavo Adolfo Otero (1953), o venezuelano Julio Febres Cordero (1959)” (MARQUES DE MELO, 1993a, p. 78). Tradução nossa.

¹² “Neste sentido podemos citar o tratado sobre jornalismo contemporâneo de Danton Jobim (1957) e de Paulo Emilio Salles Gomes (1957) sobre o cineasta francês Jean Vigo; ambos publicados em Paris. Também a análise sobre a independência da Venezuela na imprensa francesa desde o século XIX, de Jesús Rosas Marcano (1964)” (MARQUES DE MELO, 1993, p. 78). Tradução nossa.

¹³ Desde a década de 1940, aparecem pesquisas sobre os processos comunicacionais inerentes à realidade da América Latina. (...) os programas iniciais de formação de jornalistas foram criados em universidades da Argentina (1934), do Brasil (1935), de Cuba (1942), entre outros países (MARQUES DE MELO, 1993, p. 151).

¹⁴ Ortega y Gasset elaborou interessantes reflexões sobre o homem latino-americano, na realidade argentina. Em seu artigo, *La Pampa* ele desvenda um sentido prospectivo do latino-americano ao enfrentar a sua

sobre a sociedade de massas; Jorge Luis, com as críticas as novelas e antologias policiais, Horácio Quiroga, com as reflexões críticas sobre as condições de produção literária ou mesmo as críticas radiofônicas de Homero Manzi. (...) ¹⁵ “em linhas gerais tratavam de enfoques que revelavam a posição subalterna e controvertida dos fenômenos ou produtos implicados ¹⁶” (1986, p. 22).

Em 1957, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) realizou um levantamento da produção em comunicação na América Latina chamado *Recherches actuelles sur les moyens d'information* ¹⁷. Como resultado não foi obtido nenhum projeto desenvolvido ou em desenvolvimento na região (MARQUES DE MELO, 1971, p. 30).

A pobreza de textos e de pesquisas realizadas nesta década ocorria também nos Estados Unidos e na França, apesar das tradições acadêmicas desses países na área das ciências sociais e nos estudos comparativos.

Assim, o mote que a comunidade acadêmica passou a ter como foco estava centrado na problemática relacionada aos meios de comunicação, aos conteúdos e seus efeitos sobre as massas, fruto de estudos internacionais. Isto pode ser observado em trabalhos realizados entre os anos de 1949 a 1955, como os de Schramm, Swanson, Berelson, Lazarsfeld, Klapper, Merton, McPhee, Lasswell, Hovland, entre outros ¹⁸. Essas pesquisas tinham como ponto central a quantificação das reações do público e a eficácia dos meios. Esses pesquisadores passam a apontar os estudos de comunicação não mais em uma única dimensão.

Tratava-se, pois, de divisar a comunicação como uma reunião de diversos fenômenos interconectados e inter-relacionados, de alta complexidade, requerendo para sua análise, ferramentas metodológicas/conceituais específicas. Essas, conforme cita Rivera (1986, p. 21), tinham como instrumental básico as medições empíricas, destinadas a quantificar os impactos dos meios sobre o público e seus efeitos sobre as massas. Buscava-se desenvolver uma teoria global, capaz de dar conta da comunicação de massas e de seus efeitos. Embora, por essa época, o conceito de massa era utilizado basicamente como sinônimo de meios, de comunicação e de cultura.

Novos caminhos, novas perspectivas

realidade: a realidade é compreendida e vivida a partir das promessas de seu horizonte, de seu porvir. É um viver a partir de um futuro imaginado, mas não real, em que o horizonte se apresenta como uma utopia prometida a se cumprir (Ortega Y Gasset apud Mance, 1995, p. 4).

¹⁵ B. Rosenberg e D. M. White incluíram um fragmento de *La rebelión de las masas* na antologia *Mass Culture. The popular arts in America*, Glencoe III: The Free Press, 1957. Roger Caillois. *Sociologia de la novela*. Buenos Aires, Sur.

¹⁶ Tradução nossa.

¹⁷ Cahiers du Centre de Documentation. Paris: Departement d' information, 1957.

¹⁸ The Language of politics, 1949, de Lasswell; Experiments on mass communication, 1953 e Communication and persuasion, 1954 de Hovland; Mass communication, 1949 e The process and effects of mass communication, 1955, de Schramm; Television ownership and its correlates, 1951, de Swanson; Content analysis in communication, 1953, de Berelson; Communication Research e Radio Research, 1949 de Lazarsfeld; The effects of mass media, 1949, de Klapper; Mass persuasion, 1946, de Merton; Futures for radio, 1955, de McPhee. (RIVERA, 1986, p. 22).

As primeiras pesquisas mostravam a preocupação dos centros de poder tanto econômicos como políticos em conhecer o grau de influência dos meios sobre o comportamento dos consumidores ou dos eleitores (no caso dos poderes políticos)¹⁹.

Os trabalhos de Lasswell²⁰ e Berelson²¹, no início da década de 1950, tinham como foco central às análises dos meios, dos conteúdos, dos públicos e dos efeitos e serviram de referência durante um bom tempo.

Somente nos anos de 1960, o modelo funcionalista proposto por Merton²² passou a nortear as pesquisas na área. Objetivava-se, claramente, a redução do conjunto dos fenômenos comunicacionais a nítidas categorias funcionalistas. Isto pode ser comprovado em obras como a de Charles R. Wright, *Functional analysis and mass communication*, contidos na coletânea *People, society and mass communication*, que foi organizada por M. White e Dexter, em 1964.

O rápido desenvolvimento dos meios de comunicação na Europa começou por clamar as contribuições de outras disciplinas. Calcadas nas ciências humanas e sociais, buscavam respaldo para as análises dos meios e dos processos comunicacionais em um contexto mais global.

Rivera (1986, p. 23) cita as contribuições de Edgard Morin²³, com a obra o *El espíritu del tiempo*, tratando da cultura de massas. Além dos ensaios publicados na Revista *Communications*.

Ênfase também deve ser dada aos trabalhos de Roland Barthes, com a introdução da análise semiológica, presente principalmente em *Mitologías*, de 1957. O rádio e a televisão igualmente foram contemplados com as pesquisas de M. Crozier, publicadas em 1958,

¹⁹ “Recordemos que la información periodística, el cine, la televisión, la radio, la producción de equipos para filmación e insumos, los discos, la industria electrónica, etc, son manejados a nivel internacional por UPI, AP, Reuter, AFP, EFE, Paramount, United Artists, Universal, MGM, Columbia, Fox, MCA, Walt Disney Productions, CBS, NBC, ABC, Kodak, Philips, EMI, IBM, Matsushita, Sony, EMI, Zenith, Grundig, Polaroid, Warner, Polygram, General Electric, Siemens, Western Electric, Westinghouse, AEG, Telefunken, Rockwell, LTV, Xerox, CGE, Texas, Intel, Fairchild, Motorola, Honeywell, Lockheed, ITT, Times Mirror, Aircraft, etc.” (RIVERA, 1986, p. 22).

²⁰ “Não é possível falar em evolução teórica da comunicação social sem passar pela análise do paradigma de Lasswell. A importância atribuída a esse paradigma pode ser ampliada quando considerada que sua influência supera o marco norte-americano e se estende, praticamente, para toda a ciência mundial da comunicação de massas” (MORAGAS SPA, 1981, p. 29). Tradução nossa.

²¹ A análise de conteúdo, como acontece em geral com os *mass communication research*, adquire seu máximo desenvolvimento nos EUA ante as exigências políticas e militares derivadas da Segunda Guerra Mundial. Com efeito, em tempo de guerra são vários os departamentos governamentais que precisam desse tipo de análise. Participaram desse desenvolvimento pesquisadores como Berelson e Lasswell (aplicação da análise de conteúdo às mensagens de comunicação política e da cultura dos *mass media*). Outros detalhes sobre o desenvolvimento dessas teorias podem ser encontrados no livro *Teorias de La Comunicación*. Barcelona: Gustavo Gili, 1981, pp. 143-170.

²² Robert Merton. *Social theory and social structure*, 1957.

²³ Ex-membro do Partido Comunista Francês, crítico do marxismo oficial, ortodoxo, em contínua evolução intelectual estudou o papel decisivo da evolução da teoria da cultura de massas na Europa. Junto com Roland Barthes e influenciado por Jorge Friedmann, foi um dos primeiros teóricos franceses a prestar atenção aos fenômenos da cultura cotidiana. Morin acreditava que os temas da cultura do dia-a-dia, sua estrutura, sua transformação ideológica, deixaram de ser objetos irrisórios, marginalizados pela pesquisa de interesses acadêmicos. O livro *Espírito do tempo I* tem um resgate interessante sobre o esquema da cultura de massa em seu tempo. No *Espírito do tempo II*, são estudadas as variações culturais experimentadas desde 1960 até hoje (MORAGAS SPA, 1981: 163).

Broadcasting sound & television e *La grande chance de la television*, de Jean Cazeneuve, em 1963²⁴.

Por outro lado, nos Estados Unidos, o foco das pesquisas estava relacionado aos efeitos e à recepção de mensagens. Klapper²⁵ revisou as análises calcadas na teoria funcionalista e propôs a apreciação das disfunções desempenhadas pelos meios de comunicação como foco central de observação.

O cenário passou a ter novas formas de integração. Descortinava-se um novo campo de desenvolvimento das pesquisas e análises dos meios e processos comunicacionais.

Neste novo método, integraram-se os trabalhos de Arrons y May, *Television and human behavior*, 1963 e de Wilbur Schramm, *L'influence de la télévision sur les enfants et les adolescents*, de 1965. Inscreveu-se, também, a produção teórica de Marshall McLuhan, *The Gutenberg Galaxy*, de 1962 e *Understanding Media*, de 1964; convertidos em espetáculos da comunicação (RIVERA, 1986, p. 25).

Neste contexto, podemos observar que o fenômeno da comunicação de massas e da pesquisa teórica neste campo do conhecimento é recente. Até a década de 1930, os estudos tinham como foco à crítica literária, os estudos sobre propaganda e as indagações sobre os efeitos de determinados produtos sobre o público²⁶.

Os problemas econômicos e políticos gerados a partir da Primeira Guerra Mundial, incrementados com o processo de industrialização, o nazismo, a urbanização, entre outros, possibilitaram o surgimento de diversas temáticas para os estudos pelas ciências sociais.

Moragas SPA²⁷ argumenta que Lazarsfeld tinha os interesses iniciais de estudo focados na propaganda, tendo a política como foco da atenção, utilizando a técnica da análise de conteúdo; a cultura através das pesquisas de efeito e a publicidade no rádio, tendo como perspectiva a investigação de audiência, privilegiando o setor comercial.

Na América Latina, afirmou Moragas SPA²⁸, os métodos de análise de conteúdo, avaliando os efeitos das mensagens sobre o público, fizeram parte do cenário das pesquisas.

Neste contexto, a investigação enquanto processo social, resultado de estudos sobre as instituições, os fenômenos da comunicação, a estrutura de poder dos meios e a socialização não eram os focos das análises, prevalecia a relação entre a política e a vertente comercial.

Como disse O'Sullivan²⁹, toda experiência humana se fundamenta na observação científica, na teorização da pesquisa. Somente através da investigação é possível compreender e valorizar a comunicação, os processos, os ritmos, os meios e as formas de interação social. E isso, sem dúvida, pôde ser observado na América Latina.

²⁴ Cabe citar as contribuições de Abraham Moles em *Théorie de l'information et perception esthétique* e os trabalhos de T. W. Adorno. Não podemos deixar de considerar as pesquisas de Hans M Enzensberger que tratavam dos efeitos e da manipulação dos meios, observados na obra *Elementos para uma teoria de los médios de comunicación* e finalmente, *Vers une civilisation du loisir*, 1962 e *Loisir et culture*, 1966, de Joffre Dumazedier. (RIVERA, 1986:24).

²⁵ J. T. Klapper. *Mass communication research, an old road resurveyed*, 1963.

²⁶ Sean McBride, et al. *Un solo mundo voces múltiples*. México: Unesco/Fondo de Cultura Económica, 1980.

²⁷ Miguel de Moragas Spa. *Teorias de la comunicación*. Investigación sobre los médios de América y Europa. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 3ª ed., 1985, pp. 25-30.

²⁸ Miguel de Moragas SPA. *Sociología de la Comunicación de Masas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2ª ed., 1986, pp. 83-90.

²⁹ Jerry O'Sullivan. El unicornio azul y la investigación en comunicación. IN: *Chasqui*, nº 14, Quito: Ciespal, 1985, p. 44.

Posteriormente, mais precisamente após Segunda Guerra Mundial, as pautas de investigação passaram a privilegiar a análise sobre as inovações na agricultura, com os modelos de difusão tecnológica. Também estava inserida neste contexto a utilização dos meios audiovisuais com propósitos didáticos e, finalmente, um maior rigor científico nas análises, com o emprego de técnicas e métodos estatísticos (ALMENGOR, ARAÚZ, GÓLCHER, TUÑÓN, 1992, p. 12).

Na década de 1960, na América Latina desenvolveram-se diversos estudos tendo como enfoque as análises sobre a sociedade e os meios de comunicação. Segundo Almengor, Araúz, Gólcher e Tuñón (1992, pp. 13-15), dois pesquisadores merecem destaque. O venezuelano Antonio Pasquali e o brasileiro Paulo Freire, que enriquecem com seus trabalhos o campo da comunicação social, apresentando novos esquemas de pesquisa, diferentes dos modelos norte-americanos. O livro precursor foi *Comunicación y Cultura*, cuja edição original foi disponibilizada no ano de 1962.

Enquanto Pasquali tratava dos conceitos entre comunicação e cultura; Freire trabalhava o caráter comunicacional sob a perspectiva da educação, conferindo “ao processo uma bidirecionalidade. Socialmente colocava diversos grupos humanos como produtores de mensagens a partir de sua própria realidade³⁰”. Também não podem ser esquecidas as contribuições de Eliseo Verón e Armand Mattelart (ALMENGOR, ARAÚZ, GÓLCHER E TUÑÓN, 1992, pp. 13-15).

Almengor, Araúz, Gólcher, Tuñón (1992, p. 14) afirmaram em sua publicação que a maior parte da produção sobre comunicação na América Latina, durante o final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, traziam considerações sobre particularidades históricas, sociais, políticas e culturais. Uma das principais críticas, consequência da 1ª Reunião Geral de Pesquisadores da Comunicação, ocorrida na Costa Rica, em 1973, concluiu que as pesquisas privilegiavam modelos teóricos importados, principalmente dos Estados Unidos. Este resultado sinalizou a vontade de uma emancipação dos esquemas importados para “fundamentar-se em raízes históricas, culturais de nosso contexto social e criar desta forma novas instâncias de pesquisa e projeção acadêmica³¹”.

De acordo com o professor Beltrán (1978), as teorias que mais influenciaram as pesquisas em comunicação na América Latina foram: 1) baseados nos paradigmas de Lasswell (Merino Utreras - 1974); 2) modelo clássico da difusão de inovações, amplamente empregada no Brasil, México, Costa Rica e Colômbia, mas muitos pesquisadores fizeram uma crítica contundente a esse modelo. Parra (1966); Cuéllar y Gutiérrez (1971); Días Bordenave (1974). Algumas críticas da aplicação deste modelo em países subdesenvolvidos também foram feitas por pesquisadores norte-americanos como Havens (1972); Havens y Adams (1966); Felstehausen (1971); Grunig (1968) Esman (1974) e Rogers (1969); 3) teorias que vinculavam a comunicação com a modernização - propostas de Schramm (1963, 1964); Lerner (1958); Pye (1963); De Sola Pool (1963) e Frey (1966)³².

³⁰ Tradução nossa.

³¹ Tradução nossa.

³² “Com menos frequência, a revisão de literatura também revela a presença na América Latina do modelo de busca de informação e hipótese de fluxo da comunicação em duas etapas, como os estudos realizados no Peru por McNelly e Molina (1972) e Schneider (1973 e 1974) no Brasil” (Beltrán, 2000, pp. 53-55). Tradução nossa. Artigo publicado originalmente no número especial sobre *Comunicación y Desarrollo del Communication Research an International Quarterly*, vol III, nº 2, abril de 1996. Versão castelhana na revista *Orbita*, nº 22, Caracas, julio de 1978.

A literatura disponibilizada nesta época indicava, ainda, a influência de outros modelos norte-americanos. Diante disso, a conclusão óbvia era que a pesquisa em comunicação na América Latina foi dominada por modelos conceituais forâneos, procedentes principalmente dos Estados Unidos. Desta forma, tornou-se possível afirmar que faltou aos pesquisadores latino-americanos formular conceitos e teorias que tivessem raízes na experiência particular da vida da região.

Após fazer uma análise da aplicabilidade destas teorias utilizadas na América Latina, Beltrán (2000, p. 75-77) afirmou que a partir de 1973 os pesquisadores deram passos “corretivos” no sentido de reformular as atividades de pesquisa sobre comunicação tendo em vista a realidade da região. Ele destacou que em países como Peru, Chile e Cuba prevaleceram orientações metodológicas marxistas; Argentina e Brasil privilegiaram a semiologia, a semântica estrutural aliada com a sociologia do conhecimento.

Essa revisão metodológica foi muito interessante para o nosso continente. Houve, na verdade, uma adequação nos enfoques das pesquisas. Os estudiosos passaram a investigar a comunicação de forma integral, ou seja, como um processo no qual todos os componentes mereciam atenção. Também notaram que esse processo estava, intrinsecamente, conectado com a estrutura social total e, particularmente, com os determinantes econômicos desse modelo social. Além disso, buscaram descobrir quais os mecanismos de dependência (econômica, cultural e política) existentes com referência aos sistemas sociais norte-americanos (BELTRÁN, 2000, p. 76).

(...) Tal vez se logrará una conciliación programática y libre de dogma entre la lúcida intuición y la medición valedera que conduzca al óptimo empleo de las diversas tendencias de las diferentes técnicas, así como a la creación de conceptos y procedimientos genuinamente adecuados a la región. Mientras tanto, por encima y más allá de las discrepancias como las registradas aquí, el hecho significativo es que, al fin, algunos estudiosos de la comunicación en Latinoamérica están dando señales de ser capaces de pensar por sí mismos y de enmarcar su trabajo en los términos de sus propias realidades. Es de esperar que a partir de promisorios comienzos, como los que se acaban de señalar, surgirá en el futuro próximo – cobijada por una sociología que no sea de ajuste y por una psicología de inconformismo – una comunicología de liberación que debe ayudar a forjar la América Latina que la mayoría de sus 300 millones de seres humanos desean y merecen (BELTRÁN, 2000, p. 77).

Revisar hoje o “estado da arte” em comunicação na América Latina é revelar um número grande de crises³³. Estamos falando de crises no sentido definido por Sonntag, que afirma:

³³ No Dicionário Unesco de Ciências Sociais “las crisis sociales no son necesariamente disfuncionales, ya que pueden constituir un importante factor de cambio, (...) las situaciones de crisis o de anormalidad pueden quedar configuradas, bien por una irrupción o alteración violenta o bien pueden configurarse como el resultado lógico y previsible de un proceso más o menos lento, pero continuado en el tiempo (Martínez Cachero, 1987, p. 587). Navarro, por sua vez argumenta que “Al postular una crisis múltiple, se hace referencia a procesos de cambio simultáneos, pero de distinta intensidad y ‘velocidad’, y de sentido tanto ‘favorable’ como ‘desfavorable’ para la estructura del campo académico (FUENTES NAVARRO, 1998, p. 48).

Las crisis son períodos más o menos prolongados de transformaciones y modificaciones de un sistema. (...) Es posible que mucho de los conceptos y categorías con los que se había venido trabajando no concuerden ya con la realidad porque ésta ha cambiado, y que los métodos con que se ha intentado aprehender su esencia no sirvan porque ésta en sus nuevas formas de apariencia, se resiste a aquellos. Pero es igualmente posible que la complejidad de los fenómenos engendrados por la crisis cree confusiones, haga crecer desmesuradamente las limitaciones y siembre incertidumbres, todo lo cual podría degenerar (...) en un cuestionamiento interno de los criterios del quehacer científico-social, agravado por el externo que proviene de las corrientes neoclásicas, neoliberales y neopositivistas, y subsiguientemente en silenciar al pensamiento y las ciencias sociales de América Latina (1988, pp. 141-142).

Também podemos analisar toda a mudança ocorrida a partir dos anos de 1970, como um período de transição, de crítica e de desenvolvimento.

(...) de transición porque se pasa de la teoría de la modernización a la teoría de la dependencia como consecuencia de las insuficiencias de éstas en la década de 60. De crítica a la influencia norteamericana en el campo de la investigación en comunicación. De desarrollo por el *boom* en la formación de escuelas de comunicación en toda la región. (BERNEDO, 2000, p. 21).

No que se refere à contribuição institucional, vale ressaltar o papel pioneiro do CIESPAL³⁴, que surge em 1959, em Quito, no Equador. O Centro passou a se constituir em um dos principais organismos latino-americanos dedicados à formação de especialistas, à pesquisa e à produção de documentação em comunicação social.

Também foi através do CIESPAL que se realizou a primeira Conferência de Especialista em Comunicação, em Costa Rica, no ano de 1973. Dentre as principais conclusões, Beltrán³⁵ destacou a busca de um marco conceitual, com a adoção de metodologias com o perfil latino-americano; maior ênfase nas análises qualitativas; as pesquisas deveriam primar por temáticas fora do contexto político, social, econômico e cultural; priorizar os trabalhos interdisciplinares, entre outras.

Para Cremilda Medina (2000, p. 140), os pesquisadores, professores e profissionais do CIESPAL levaram para o Equador posições “que se contrapunham ao projeto dirigido pelo Norte para qualificar os comunicadores do Sul”. Além de tratar de novos modelos de investigação, mais pertinentes às reais necessidades latino-americanas, firmava-se “um robusto movimento que defendia aguerridamente a Nova Ordem da Informação”³⁶.

³⁴ Centro Internacional de Estudos Superiores para América Latina.

³⁵ Luis Ramiro Beltrán. *Estado y perspectivas de la investigación en comunicación en América Latina*. Textos Escogidos. México: Iteso, 1986, p. 38

³⁶ O Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales – ILET, publicou em 1977, no México, o resultado de uma pesquisa, coordenada por Juan Somavia, que mostra uma sinopse paradigmática da questão, *La información en el nuevo orden internacional*. No Brasil, o livro foi publicado pela Paz e Terra, Rio de Janeiro, organizado por Fernando Reyes Matta.

Neste sentido, a fertilidade racional, com a criação de novos focos de irradiação, projetou para o século XXI as sementes de uma pluralidade de contribuições, que tendo como foco a dicotomia entre a teoria e a prática profissional, quer entre a qualificação dos comunicadores e dos jornalistas, quer nas temáticas e metodologias que recheavam as pesquisas desenvolvidas.

Essa falsa contradição entre os espaços tradicionais de pesquisa e o mercado profissional, encontrou, sem sombra de dúvidas, na América Latina um cenário fértil para o debate. Luiz Custódio da Silva³⁷ afirmou que a primeira etapa do centro foi norteada pelo difusionismo, cuja idéia básica era repassar para os países sub-desenvolvidos as concepções desenvolvimentistas do Primeiro Mundo.

Através de um aparato teórico-metodológico se desenvolveram treinamentos e pesquisas voltados para o contexto rural em que a preocupação básica foi a difusão de novas tecnologias (difusão de inovações tecnológicas) tendo como principal teórico Everett Rogers. (...) outros autores como Lasswell, Lazarsfeld, Schramm, Jacques Kaiser³⁸ (...) sustentavam o aparato difusionista. Essa primeira fase, que ignorava os debates da década de 1960 – por exemplo, as teorias da marginalidade elaboradas pelos economistas e sociólogos da região – esgota-se nos alvares da nova década (MEDINA, 2000, p. 141).

Já no início dos anos de 1970, o CIESPAL reuniu “uma geração inquieta, do ponto de vista das práticas profissionais”. Esses pesquisadores/profissionais que freqüentavam os cursos do Centro transformavam as aulas em cenários de discussão de suas angústias, sofridas no dia-a-dia de suas práticas quer fossem apenas acadêmicas, quer fossem combinadas com a prática. Num cenário político e social, em que o autoritarismo e a violação dos direitos humanos faziam parte do cotidiano latino-americano (MEDINA, 2000, p. 141).

Na verdade, começava a descortinar-se um novo cenário social. A denominada Teoria da Dependência³⁹ entraria foco. A tese de que seria possível um desenvolvimento dependente veio ao encontro dos ideais nacionalistas.⁴⁰ Desta forma acreditava-se que a

³⁷ Professor da Universidade Federal da Paraíba, foi bolsista do Ciespal (Medina, 2000, p. 141).

³⁸ De acordo com a professora Cremilda Medina, o Ciespal publicava desde sua fundação uma série de documentos, entre eles, cadernos assinados por autores funcionalistas como Wilbur Schramm e Jacques Kayser. Esta bibliografia iniciava os bolsistas à pesquisa e às metodologias difundidas nos cursos.

³⁹ Pesquisa discutida por Enzo Faletto, chileno, e por Fernando Henrique Cardoso, brasileiro, ambos sociólogos. Tratou-se de uma linha de estudos que debatia a realidade e os fatores históricos que norteavam o desenvolvimento das sociedades consideradas periféricas. O termo apareceu pela primeira vez em 1967, no livro *Dependência e desenvolvimento na América Latina*, de Raul Prebisch. Como dependentes estão agregadas as economias desenvolvidas (EUA, Europa e Japão) e as periféricas (América Latina, África e Ásia), as ex-colônias, com desenvolvimento muito precário tanto industrial como econômico, dependentes do capital e das tecnologias dos países desenvolvidos. Tratou-se, na verdade, de uma análise sociológica da América Latina, cuja reivindicação estava centrada na idéia de que cada ação deveria ser analisada levando-se em conta o contexto político e social de cada país. Andrade afirma que, desta forma, “a relação interna entre as classes sociais é que daria fisionomia própria à dependência e esta não implicava necessariamente em atraso e estagnação econômica” (2000, p. 44).

⁴⁰ Os nacionalistas acreditavam que a culpa pelo não desenvolvimento na América Latina estava diretamente ligado ao “imperialismo”, que desejava destas nações não desenvolvidas apenas o papel histórico de fornecedores de matéria-prima às matrizes do processo capitalista. “Estaria assim o imperialismo

única solução possível seria a união de forças. Esse contingente deveria ser formado por camponeses, operários, estudantes e intelectuais, criando desta forma um terreno fértil para a implantação do socialismo na América Latina.

Em 1967, Fernando Herinque e Faletto defendem a tese de não haver na América Latina uma burguesia nacional-desenvolvimentista. O povo desejava a modernização e o desenvolvimento, porém não aceitavam a dependência, tendo como “aliados” países que viam na manutenção das desigualdades econômicas e sociais as possibilidades da sobrevivência de seus interesses. Embora acreditando que seria possível esse rompimento sem lutas, os regimes autoritários espalharam-se por todo o continente, com pesadas perdas sociais.

Neste cenário, por volta dos anos de 1970, pesquisadores, sociólogos, economistas ligados à nova esquerda marxista americana, propuseram a inviabilidade desta corrente de desenvolvimento dependente. Surgiu, desta forma, a discussão de uma nova ordem mundial⁴¹.

Constatava-se, nesse e em outros momentos, o equívoco de um difusionismo ingênuo que atropelava as competências e as identidades dos objetos de extensão desenvolvimentista. Era freqüente, no início dos 70, no Ciespal, a polêmica qualificada que os alunos da América Latina desencadeavam diante de um professor dos Estados Unidos, da Europa ou então da União Soviética, principalmente aqueles que se propunham treinar os profissionais nas técnicas da produção jornalística. Enquanto alguns desses bolsistas desenvolviam novas concepções profissionais, pesquisavam linhas de ação com forte acento sociológico e as aplicavam na universidade como docentes, os professores convidados a ministrar cursos periodicamente no centro expunham os modelos registrados em manuais (MEDINA, 2000, p. 143).

Esses embates serviram para fundamentar nos pesquisadores da América Latina que os modelos do funcionalismo norte-americano e as teorias sociológicas européias, confrontados com as metodologias quantitativas, que se propagavam como parâmetros de eficiência, não atendiam aos contornos identitários dos sujeitos produtores de conhecimento latino-americano.

Neste sentido, legitimaram-se atores reais, produtores e docentes motivados pelas práticas na busca de uma mudança no cenário comunicacional em nosso continente. A produção bibliográfica de autores latino-americanos se expandiu, mesmo em um ambiente pouco propício, centrado na ditadura e na pobreza. Isso pôde ser notado a partir do final da década de 1970.

internacional aliado ao latifúndio e às elites agrárias nacionais com o intuito de impedir o desenvolvimento e manter intacto o fluxo de matéria-prima barata” (Andrade, 2000, p. 44).

⁴¹ Podemos descrever dois grandes acontecimentos que marcaram os rumos do desenvolvimento latino-americano. O primeiro entre os anos de 1970 e 1973, no Chile, de Allende, com a chegada ao poder da Unidade Popular. Os produtos foram nacionalizados, os investimentos externos desapareceram e a classe média saiu às ruas batendo panelas. A curta experiência terminou em um banho de sangue, ocasionando um retrocesso institucional. No âmbito internacional, foi a instauração de uma nova ordem mundial, “com maior equilíbrio nas trocas entre os países do hemisfério Norte e Sul, e com um caráter transformador mais amplo do que a de uma simples reforma econômica” (Andrade, 2000, p. 49).

Essas iniciativas culminaram em 1980, durante a 32ª Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência, a Cultura (Unesco), ocorrida em outubro, na aprovação de onze princípios do relatório conduzido pelo senador irlandês Sean McBride sobre a situação dos meios de comunicação⁴². “Tratou do mais completo inventário feito sobre os problemas da comunicação no mundo contemporâneo” (MARQUES DE MELO, 1978, p. 327).

Diante de todas essas realidades conflitivas, fossem elas econômicas, sociais, culturais ou comunicativas e das diversas crises e pressões instaladas, é possível assinalar que o Ciespal foi um foco de estímulo agregador. Além de um Centro produtor e organizador de documentações produzidas na e sobre a América Latina, transformou-se, também, em um divulgador das identidades comunicacionais de nosso continente.

Uma pluralidade mestiça da tradição sociológica européia, da competência estrutural funcionalista e de sua ênfase empírica, confluindo na experiência histórica e paradigmática das autorias latino-americanas que, na sua antropofagia cultural, dirigem e desenvolvem ao Norte um conhecimento e um saber fazer com marcas inconfundíveis. (...) O convívio e a intertextualidade dão respostas abertas e enraizadas, em um processo que não cabe no programa difusionista. A não ser que se fale desta palavra conotada pela semântica do caos dinâmico numa apropriação antropofágica de Ilya Prigogine – ou seja – difusão conflitiva e irradiadora para cima e para baixo, para frente, para trás, para os lados. Nessa aparente confusão de paradigmas, correntes teóricas e visões de mundo, verifica-se, nos idos de 70 como em qualquer outra época, a definição de atos emancipatórios seja na metodologia da pesquisa, seja nas estratégias emergentes dos profissionais de Comunicação Social (MEDINA, 2000, pp. 145-146).

Acreditamos ser possível verificar a atuação do CIESPAL sob diversos prismas. Quer sejam de compreensão da pluralidade, da interdisciplinaridade, da transdisciplinariedade, da epistemologia dos contextos singulares e, ao mesmo tempo, tão amplos das áreas de interesses latino-americanos. Mas não podemos reduzir toda essa experiência a uma herança unívoca, calcada apenas pela irreverência das pesquisas emergentes, inspiradas das demandas sociais de uma época tão plural quanto conturbada.

O olhar deve propiciar aos novos pesquisadores a oportunidade de reflexões latino-americanas, formatadas nas diversidades técnicas e metodológicas, na exigência ética e na oportunidade de fundamentação teórica. Embora tenha recebido polemicamente adesão

⁴² A NOMIC – Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação, apoiada pela Unesco, acabou por gerar um conflito de interesses entre os países desenvolvidos e os do Segundo e Terceiro Mundos. “Dentre as iniciativas propostas, podemos destacar a eliminação das desigualdades sociais e culturais; liberdade de imprensa e de informação; respeito à identidade cultural”; entre outros (Andrade, 2000, p. 49). Reyes Matta afirmou que “A Nova Ordem Mundial da Comunicação pretende dar uma resposta no âmbito comunicativo-cultural aos esforços que, em dimensão mais ampla, se realizam pelo estabelecimento de uma Nova Ordem Econômica Internacional. A emergência política dos novos países afro-asiáticos no período pós-guerra e a articulação de distintos países do Terceiro Mundo para defender um desenvolvimento econômico autônomo, através do controle de suas riquezas básicas, conduziram inevitavelmente à compreensão de que o estabelecimento de um NOIE só pode ser alcançado na medida em que os instrumentos ideológicos, os aparatos da cultura, o sistema de conformação valorativa cotidiana deixem de funcionar a serviço de um centro dominante, convertendo-se em canais de interação e de fluxos informativos, multidimensionais e multidirecionais” (1978, p. 12).

e repulsa, possibilitou um espaço de meditação rumo às diversificadas demandas sociais que ultrapassaram as profissões e os saberes aparentemente legitimados.

Fazer um estudo rigoroso sobre as contribuições do CIESPAL no cenário Latino-Americano dos estudos em Comunicação se faz necessário e urgente. Mas esse será o nosso próximo desafio.

Assim, dando continuidade as nossas análises iniciais podemos afirmar que as teorias comunicacionais na e para a América Latina apresentaram-se, ainda, como um conjunto de saberes em processo de estudo e de legitimação. Mas já nos permitem afirmar que a partir dos anos de 1960, os estudos passaram a refletir os modelos de dominação norte-americanos. E somente com a “teoria da dependência” (início dos anos 1970), começou-se a construir um ferramental teórico-metodológico capaz de analisar os problemas sociais da América Latina. Mas, ainda assim, refletiam os interesses das classes dominantes, proprietárias dos meios de comunicação.

Fue la Teoría de la Dependencia la que nos permitió pensar que lo que vivíamos en América Latina no podía entenderse si no lo ligábamos a las grandes transformaciones del mercado mundial y del mundo. Pues lo que estábamos viviendo no adquiría perspectiva únicamente desde lo que pasaba en cada país, sino desde los largos procesos de dominación de la región. Y es de ahí desde donde se proyectaba una investigación militante que buscaba ampliar el conocimiento, abrir nuestros procesos pero ligados estructuralmente a la resistencia, a la recreación de nuestra democracia y de lucha contra las dictaduras (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 23).

Pereira (NET, 2001) afirma que, enquanto os estudos norte-americanos privilegiavam a ética e as pesquisas de mercado e de opinião pública, reforçados pela criação do Ciespal -, os estudos latino-americanos cederam lugar à escola crítica, com apoio de teorias européas (estruturalismo, semiologia e marxismo), durante todo o período de 1970 a 1980.

Foi durante os anos de 1980 que a comunicação na América Latina começou a adquirir um relevo internacional. Começava-se a discutir as políticas nacionais de comunicação. Esse esforço culminou no que foi chamado de *Nueva Orden de la Comunicación y la Información*, disponibilizado no Informe MacBride. Mas isso é uma outra história.

Já nos anos de 1990, os pesquisadores europeus e norte-americanos evidenciaram as reflexões que tratavam da operacionalização da tecnologia aplicada aos processos midiáticos. Por sua vez, a comunidade latino-americana de comunicação passou a ocupar-se das pesquisas em torno das análises políticas, estudos de recepção e de efeito.

Porém, antes de abordarmos quaisquer pressupostos da Escola Latino-Americana de Comunicação, faz-se necessário verificarmos se existe, de fato, na América Latina um pensamento latino-americano em comunicação.

Jesús Maria Aguirre, em 1999, garantiu que existiu, ou mesmo, que há na atualidade as Ciências Latino-Americanas de Comunicação. Esse pressuposto se fundamenta na premissa de que há, na verdade, grupos de investigadores que compartilham um pensamento comum, atuando dentro de um mesmo espaço-temporal.

Para Aguirre (1999), o processo de identificação coletiva de um pensamento caminha ao lado do fenômeno de autoconhecimento e este, por sua vez, pode obedecer a diferentes fronteiras identificáveis. No caso da macrorregião da América Latina, há bases históricas e políticas suficientes para um projeto de identificação nacional.

Mas para falar em desenvolvimento do pensamento latino-americano em comunicação é necessário discutir os cenários específicos desse pensamento, incluí-lo em um espaço temporal, sem perder de vista os atores dessa difusão e as instituições que contribuíram para o desenvolvimento e a disseminação dessa cultura comunicacional.

Aguirre (1999) observa que, criar uma universalidade em torno das ciências sociais, torna-se mais difícil quando se consideram os componentes geográficos e as variáveis que deram origem às bases do desenvolvimento dessa megaregião. Para ele, a

pretensão de se constituir uma ciência unificada de comunicação para a América Latina não é possível, mas é razoável redimensionar as expectativas sobre essa possibilidade.

O impasse atual das ciências da comunicação, que na verdade surgiu de velhas discussões sobre as fronteiras reais de integração com outras ciências, permite que possamos adotar, segundo Aguirre (1999), duas estratégias de avanço: a) a necessidade de concepção unificada no campo científico levaria a exigir uma visão teórica coerente, permitindo agrupar diversas disciplinas que não se prendem a uma única corrente teórica; b) as diversas ciências da comunicação se constituem com certa autonomia, estabelecem relações segundo os problemas que buscam solucionar a partir da multidisciplinaridade e da transdisciplinaridade.

Para responder a essas estratégias propostas, Aguirre (1999, p. 8) garante que

En la primera vertiente disponemos de ciertos lineamientos, en la teoría general de la comunicación de los sistemas sociales, esbozada por Niklas Luhmann (Luhmann 1991), al tratar la relación Acción/Comunicación, y que ocoge ciertos planteamientos de Maturana (1980); o también con otro giro más crítico, en la teoría de la acción comunicativa de J. Habermas (1988). A este nivel también se superponen las teorías sociales del rango más general sobre la producción social de comunicación (Martín Serrano 1986) y la estructuración de la sociedad (Giddens, 1986).

Já na segunda estratégia, Aguirre (1999) demonstrou que encontramos diversas teorias fragmentárias sobre cada fase do processo de comunicação, que estão mais preocupadas em defender suas próprias fronteiras do que em integrar-se.

As ciências da comunicação necessitam colocar ordem na definição de suas prioridades e constatações para então se legitimarem no campo da produção científica dentro das ciências sociais.

Para Aguirre (1999), faz-se necessário: a) a definição das fronteiras da disciplina, buscando seus centros teóricos ou certos focos teóricos; b) buscar sua legitimidade com base em conceitos metodológicos para ser reconhecida no campo das Ciências Sociais; c) os cursos de pós-graduação devem estar vinculados a instituições de pesquisa, para garantir a formação de cientistas entre as gerações mais jovens.

A América Latina conta com uma massa crítica de investigadores, suficientemente legitimada em níveis nacional e internacional para assegurar a consolidação das Ciências da Comunicação. Existe um conjunto de pensadores que, mesmo vindo das mais diversas disciplinas, tem focalizado sua atenção no diagnóstico e na solução de problemas comunicacionais na América Latina. Eles têm tratado do conjunto regional, ou segmentando a megaregião em Estado-nação com uma historicidade comum (AGUIRRE, 1999, p. 8).

Conjugando a autopercepção e a heteropercepção dos trabalhos desenvolvidos no campo das ciências sociais, Aguirre (1999) afirmou que existe um pensamento latino-americano de comunicação. Sério, enraizado nos problemas regionais, específico em seu conjunto, apesar dos desenvolvimentos desiguais em nível nacional, das desvantagens lingüísticas e editoriais.

Na América Latina, está se desenvolvendo, atualmente, um conjunto de transformações paradigmáticas de grande repercussão. “Estamos saindo de uma época,

aparentemente perdida, dos anos de 1980, para outra de incertezas, porém rica em trocas e rupturas no campo da comunicação⁴³” (AGUIRRE, 1999, p. 14).

O século XXI é considerado como o século das comunicações audiovisuais e das Ciências da Informação, marcando um período em que o estudo da informação passa a ter um caráter autônomo e definido, constituindo-se como um ramo específico das ciências humanas (MARQUES DE MELO, 1998, p. 40).

Mas como bem afirmou Martín-Barbero (1998), a comunicação está em um terreno fronteiriço, entre a organização e a operação; entre a compreensão dos fenômenos e o domínio dos aparatos comunicacionais. Mas o que de melhor podemos observar e definir para esse novo século é que o interesse pelas pesquisas dos fenômenos da comunicação ganhou espaço tanto nas universidades como nas empresas. Ambas buscam nas evidências empíricas, consolidadas pela cientificidade das escolas, qualificar profissionais, de forma a orientá-los nos novos caminhos das “engrenagens midiáticas” apoiadas pelas novas tecnologias da comunicação e da informação.

Desta forma, o desenvolvimento da pesquisa, marcado até então pela atuação coletiva, está dando lugar a uma comunidade científica, composta por jovens pesquisadores, atuando “organicamente, porém de forma sintonizada com as demandas locais e nacionais” (MARQUES DE MELO, 1998, p. 98).

Essa etapa está sendo marcada pela intercomunicação entre os diversos pesquisadores que “(...) ilhados dentro dos campi”, passam a buscar o intercâmbio como forma de consolidação das experiências acumuladas (MARQUES DE MELO, 1998, p. 69).

Nesse cenário surgem as diversas associações que comprometidas com o avanço do campo acadêmico na América Latina, vislumbram a importância e a necessidade de criação de entidades capazes de congregar idéias oriundas de toda a região latino-americana. Podemos citar centros como a ALAIC, INTERCOM, SBPJor⁴⁴ e tantas outras que congregam um grupo multifacetado de pesquisadores, dedicados à pesquisa científica em matéria de comunicação.

Assim, é afirmar que os caminhos são renovados constantemente. Estamos atravessando um grande momento de revitalização dos estudos comunicacionais. As tecnologias da comunicação e da informação, mensagens, seus significados e discussões, bem como toda a busca para delinear uma nova abertura renovaram vitalmente o “terreno intelectual em que muitos de nós trabalhamos”, constituindo-se desta forma em uma nova opção de estudos (NEWCOMB, 2001, pp. 75-77).

Marques de Melo (2005) garante que embora sofrendo pela escassez de recursos econômicos e pela instabilidade política, os pesquisadores latino-americanos assumiram uma postura que ultrapassou a fronteira do nacional, desenvolvendo mecanismos capazes de consolidar a escola latino-americana de pesquisa em comunicação, com a criação de entidades como a Alaic, em 1978, preocupadas em resgatar o conhecimento comunicacional, criando bases documentais em diversos países da América Latina.

Desta forma, quando reconhecemos a legitimação e a consolidação da Escola Latino-Americana de Comunicação nas atividades e ações realizadas pelas diversas entidades e pesquisadores da área da comunicação, não estamos renegando o conhecimento oriundo principalmente das escolas norte-americanas e européias. Mas reconhecendo os

⁴³ Tradução nossa.

⁴⁴ Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.



resultados de trabalhos de pesquisadores como: Luis Ramiro Beltrán, Jesús Martin-Barbero, Cremilda Medina, Luiz Beltrão, Eliseo Verón, José Marques de Melo, Juan Díaz Bordenave, Juan Somavia, Fernando Reyes Mata, Hector Schmucler, Rafael Roncagliolo, Margarida M. K. Kunsch, Raul Fuentes Navarro, Paulo Freire, Jesús Maria Aguirre, Guilherme Orozco entre tantos outros, que consolidam e respaldam nossa afirmação através das diversas ações e pesquisas que realizam ou realizaram.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. L'industrie culturelle. IN: BOUGNOUX, D. **Sciences de l'information et de la communication**. Paris: Larousse, 1993.

AGUIRRE, Jesús Maria. Anagnorisis de uma ciência bastarda. **Revista Científica Digital do Pensamento Comunicacional Latino-Americana – PCLA**, v. 1 – nº 1: out/nov/dez 1999, disponível no endereço web: <<http://www.metodista.br/unesco/PCLA/index.htm>>.

ALMENGOR, Manuel; ARAÚZ V., Javier; GÓLCHER R., Ileana; TUÑÓN, Modesto A. **La investigación en comunicación social en Panamá**. Panamá: Mariano Arosemena, 1992.

ANDRADE, Antonio de. Comunicação: integração e desenvolvimento na América Latina. Desunidos sobreviveremos? IN: MARQUES DE MELO, José e GOBBI, Maria Cristina (orgs.). **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano: o protagonismo das instituições pioneiras CIESPAL, ICINFORM, ININCO**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2000.

BARBOSA, Marialva. **Comunicação: a consolidação de uma interdisciplina como paradigma de construção do campo comunicacional**. *Paper* apresentado no V Congresso Latino-Americano de Ciências da Comunicação, realizado na Universidade Diego Portales, em Santiago do Chile, abril de 2000.

BELTRÁN, Luis Ramiro. Premisas, objetos y metodos foraneos en la investigación sobre comunicación en America Latina. **Revista Orbita**, nº 22, Caracas, 1978.

BELTRÁN, Luis Ramiro S. **Investigación sobre comunicación en Latinoamérica: inicio, trascendencia y proyección**. La Paz: Plural, 2000.

BERNEDO, Franz Portugal. **La investigación en comunicación en America Latina: 1970-2000**. Lima: Apfacom, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Questions de sociologie**. Paris: Minuit, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Califórnia: Stanford University Press, 1988.

CARDOSO, Fernando Henrique e FALETTO, Enzo. **Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DUMAZEDIER, Joffre. **De la sociología de la comunicación colectiva a la sociología del desarrollo cultural**. Quito: Ciespal, 1967.



ESTEINOU MADRID, Javier. El olvido de Armand Mattelart por la academia de comunicación mexicana. **Revista Científica Digital do Pensamento Comunicacional Latino-Americano - PCLA**, v. 2 – nº 1: outubro/novembro/dezembro 2000(a), disponível no endereço: <www.metodista.br/unesco/PCLA/index.htm>.

ESTEINOU MADRID, Javier. **Espacios de comunicación**. México: Universidad Iberoamericana, 2000(b).

FUENTES NAVARRO, Raúl. **Un campo cargado de futuro**. El estudio de la comunicación en América Latina. México: Coneicc, 1992.

FUENTES NAVARRO, Raúl. **La emergencia de un campo académico**: continuidad utópica y estructuración científica de la investigación de la comunicación en México. México: Iteso, 1998.

GOBBI, Maria Cristina. Apresentação - Os ciclos de estudos sobre a escola latino-americana de comunicação. In: MARQUES DE MELO, José e GOBBI, Maria Cristina (orgs.). **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano**: o protagonismo das instituições pioneiras CIESPAL, ICINFORM, ININCO. São Bernardo do Campo: Umesp, 2000.

GUAZZELLI, César Barcellos. **História contemporânea da América Latina**: 1960-1990. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor W. **La dialectique de la raison**. Paris: Gallimard, 1974.

KUNSCH, Margarida. **Fluxos informativos e culturais entre América Latina e Europa Ibérica**: cultura y comunicación social. América Latina e Europa Ibérica, Generalitat de Catalunya, Barcelona, 1994.

MANCE, Euclides André. **Sobre a Identidade Latino-americana**. Comunicação apresentada no “2º Encontro Estadual de Estudantes de História” (Univille - Universidade de Joinville, Santa Catarina, em 6 de maio de 1995) sob o tema “A Filosofia da Libertação na América Latina e o seu Papel na Construção de uma Identidade Latino-Americana”, disponível na net, no endereço: <http://www.aol.com.br/mance/Identidade.htm>, pesquisada em 16 de março de 2002.

MARQUES DE MELO, José. **La investigación de la comunicación en America Latina**: balance de los años 60. Trabalho apresentado no Seminario sobre Jornalismo de Comunidade, promovido pelo Ciespal e Cedal. San José, 1971.

MARQUES DE MELO, José (Org). **Pesquisa em comunicação no Brasil**: tendências e perspectivas. São Paulo: Cortes/Intercom, 1993.

MARQUES DE MELO, José. **Universidad, cultura y comunicación**. Ponencia presentada al I Ciclo de Estudios Interdisciplinarios de la Comunicación, promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom – realizado em Santos, São Paulo, Brasil, em novembro de 1978.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria da comunicação**: paradigmas latino-americanos. Petrópolis: Vozes, 1998.



MARQUES DE MELO, José. Elacom: gênese, crescimento, perspectiva. **Revista Científica Digital do Pensamento Comunicacional Latino-Americano – PCLA**, v. 1 – nº 1: outubro/novembro/dezembro 1999, disponível no endereço <<http://www.metodista.br/unesco/PCLA/index.htm>>.

MARQUES DE MELO, José. **O campo comunicacional. NET**. Disponível no endereço <www.ucb.br/comsocial/114.htm>. Pesquisa realizada em dezembro de 2000.

MARQUES DE MELO, Jose. Conhecer-produzir-transformar: paradigmas da Escola Latino-Americana de Comunicação. IN: **Comunicação & Sociedade**, nº 36, ano 23, 2º semestre. São Paulo: Umesp, 2001.

MARQUES DE MELO, José. **Os tempos heróicos da ALAIC**: de Caracas a Embu-Guaçu. Paper apresentando durante o Seminário de 25 anos de fundação da Alaic, realizado na Universidade Metodista de São Paulo, em novembro de 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Memória y trayectos de la investigación en comunicación**. Memória acadêmica do I Encuentro Nacional, Seminário Latino-Americano, Investigación de la Comunicación. La Paz: Universidad Andina Simon Bolivar/Alaic/Aloic, 1999.

MARTÍNEZ CACHERO, L. A. Crisis. **Diccionario Unesco de ciências sociales**, vol I. Barcelona: Platena-agostini, 1987.

MATTELART, Armand e MATTELART, Michèle. **Pensar sobre los médios**. Comunicación y crítica social. Colección Impactos, los libros de Fundesco. Madrid: Dundesco, 1987.

McANANY, Emile. Seminal ideas in latin american critical communication reseach: and agenda for the north. IN: McANANY, Emile e ATWOOD. **Communication & Latin America society**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1986.

MEDINA, Cremilda. O Ciespal e o resgate das vozes do hemisfério sul. IN: MARQUES DE MELO, José e GOBBI, Maria Cristina (orgs). **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano**: o protagonismo das instituições pioneiras CIESPAL, ICINFORM, ININCO. São Bernardo do Campo: Umesp, 2000.

MENDES, Candido e GRECCO, Sheila. Intelectuais da Europa e das Américas se reúnem hoje em Paris para fundar a academia da latinidade. Artigo publicado na Folha de S. Paulo, caderno **Mais!**, do dia 14 de novembro de 1999.

MORAGAS SPA, Miquel. **Teorias da Comunicação**. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.

MEWCOMB, Horace. À procura de fronteiras no campo dos estudos de mídia. IN: **Comunicação & Sociedade**, nº 36, ano 23, 2º semestre. São Paulo: Umesp, 2001.

ORDÓÑEZ, Marco A; SEURIN, Jean-Louis; LERNER, Daniel; RAEUKER, Friedrich. **La comunciación colectiva y el desarrollo cultural**. Equador: Ciespal, 1972.

PEREIRA, Rosane da Conceição. **Muito além de fractais, caleidoscópios ou conjuntos de Mandelbrot**: as teorias da Informação e da Comunicação. **NET** disponível no endereço: <<http://www.uff.br/mestcii/lcllop3.htm>>. Pesquisado em janeiro de 2001.



REVISTA COMUNICAÇÃO & SOCIEDADE, nº 25. O pensamento latino-americano em comunicação. São Paulo: Umesp, 1998.

REYES MATTA, Fernando. **Nuevo orden informativo, participación y cambio en las estructuras de comunicación.** Mexico: Ilet, 1978.

RIVERA, Jorge. **La investigación en comunicación social en la Argentina.** Buenos Aires: Puntosur, 1986.

SCHAFFEE, Steven; GÓMEZ-PALÁCIOS, Carlos e ROGERS, Everett. Mass communication research in Latin American: views from here and there. **Journalism Quarterly**, vol. 67, nº 4, Winter, 1990.

SONNTAG, Heinz R. **Duda, certeza, crisis.** La evolución de las ciencias sociales de América Latina. Caracas: Nueva Sociedad, 1988.

UTRERAS, Jorge Merino. La investigación científica de la comunicación en América Latina. IN: **Revista Chasqui**, Primera Epoca, nº 5, Ecuador: Ciespal, 1974.